

Iaraci Fernandes Advíncula
Profª e Supervisora de Estágio do Deptº de Psicologia da UNICAP

Este trabalho enfoca os pressupostos filosóficos que embasam a abordagem centrada na pessoa, no que concerne à relação transferencial. Pelas palavras de Carl Rogers, serão identificados em Kierkegaard e Buber os dois representantes filosóficos que alicerçam o seu pensamento teórico. É feita a correlação necessária entre o existencialismo e a fenomenologia, cujos métodos e temas fundamentais são indistintos. São apresentadas as idéias centrais de Carl Rogers, concluindo-se pela relação entre o seu pensamento e a filosofia representada por Kierkegaard e Buber. Em busca de uma consubstanciação íntima com a temática, foram procedidas considerações pessoais e inserido um relato de trecho de uma sessão psicoterapêutica. Na conclusão do trabalho, é evidenciada a opção preferencial da abordagem centrada na pessoa pelo caminho da filosofia do encontro.

I – INTRODUÇÃO

Os psicoterapeutas de formação psicanalítica vêm na relação transferencial uma condição imprescindível para que o processo psicoterapêutico seja levado a efeito.

A abordagem centrada na pessoa, que tem em Carl Rogers seu principal representante, devolve uma psicoterapia em que a relação transferencial não é o foco da situação.

Antes de Carl Rogers surgir no cenário da psicologia contemporânea, já a psicanálise dominava e permeava o pensamento de uma grande gama de psicoterapeutas existentes. Portanto, quando a psicoterapia centrada na pessoa desponta e redireciona o foco de sua atenção, a polêmica naturalmente é lançada.

Este estudo tem como objetivo enfatizar a fundamentação filosófica da abordagem centrada na pessoa, que permite uma melhor compreensão de sua perspectiva teórica. Todos os itens e conceitos levantados buscam alcançar esta meta. Espera-se, com isto, preencher uma lacuna sentida na formação dos profissionais e estudantes de psicologia, para o conhecimento profundo desta abordagem. Esta lacuna é constatada nas distorções de interpretações e assunções

de posturas terapêuticas simplistas e inadequadas.

A necessidade de desenvolver este trabalho veio da experiência da autora, como Supervisora de Estágio em Clínica Infantil com orientação teórica da abordagem centrada na pessoa. Esta experiência é desenvolvida na Clínica de Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco. Nesta Clínica trabalham profissionais da psicologia, onde a psicanálise predomina como orientação teórica.

Nos seminários gerais desenvolvidos por supervisores e estagiários, as questões teóricas emergem abrindo espaços para constatações importantes. Torna-se, então, imprescindível o desenvolvimento de estudos que esclareçam a postura dos psicoterapeutas da abordagem centrada na pessoa, frente à questão transferencial.

II – DESENVOLVIMENTO

1. O Existencialismo e a Fenomenologia

“Creio que a filosofia se torna hoje, talvez mais do que nunca, imprescindível a todo homem completo, por mais cientista que ele seja. O psicólogo que não passa por ela padece, como reconhece Piaget, de uma doença incurável”. HILTON JAPIASSU (5:09)

Esta citação vem recolocar uma questão fundamental, em torno dos suportes ou pressupostos de toda visão teórica. É através do relevo destes suportes ou pressuposto que se permitirá a identificação, bem como a compreensão clara das ações humanas. Não é possível assumir postura sem a nítida clareza do porque se age de tal forma. Não é possível criticar determinadas ações sem a compreensão profunda do seu embasamento filosófico. Admitir-se em contrário significa permanecer, simplesmente, como robôs que agem a partir de uma determinada programação, ou então, como certos animais que ao aprenderem gestos ou palavras os repetem sem compreenderem o que representam.

Nestas ações, assim desenvolvidas, a falta de consistência é evidente, pois os seus autores meramente as praticam sem saber o que fazem nem por que fazem. Logo, toda uma visão teórica fica contaminada pela estreita interpretação dos indivíduos que a assumem.

É fundamental dizer, já neste início, porque significativo à compreensão deste estudo, que Carl Rogers, ao ser entrevistado por Evans (3:56) e sendo argüido sobre a relação do seu trabalho com o movimento existencialista e humanista, respondeu esclarecendo que se sente próximo de existencialistas como Kierkegaard e Buber, porque eles têm uma visão do homem bastante positiva, sem, no entanto, negar a morte e o desespero. Mas acrescenta, com realce, que se situa entre os existencialistas mais otimistas, diferentes dos existencialistas franceses que são marcadamente pessimistas. Acredita que isto é um fator cultural, pois ele, como americano diferente dos europeus, não sofreu diretamente

o desespero de duas guerras mundiais.

Rogers, ao se situar entre os existencialistas, indica a fundamentação filosófica da abordagem centrada na pessoa. E, nos aponta, também, a sua orientação e a sua identidade. Identidade com uma doutrina em que a existência humana é o primeiro objeto de reflexão filosófica. Para ela não há nenhuma essência do homem que lhe predetermine qualquer destino. A existência é fruto da liberdade do homem, exercida dentro das situações concretas e características do existir. A condição humana é a de **“ser-em-situação”**. O princípio mais geral do existencialismo é que **“a existência precede a essência”** (cf.4:2635)

E, ao se falar em Existencialismo, a associação é imediata com a Fenomenologia, pois, os existencialistas, ao buscarem à compreensão humana, utilizam o método fenomenológico.

É Edmund Husserl, criador do movimento chamado “Fenomenologia”, que vai exercer profunda influência sobre expoentes do existencialismo, com Martin Heidegger (alemão, 1889-1976) e Jean Paul Sartre (francês, 1905-1980). É com Sartre que vamos encontrar a junção entre o existencialismo e a fenomenologia, e, foi na fenomenologia, que ele julgou ter encontrado uma **“filosofia viva”** e de onde tirou a orientação geral do seu pensamento. Este momento fechando se dá num encontro que Sartre teve com Raymond Aron, em Paris, quando este lhe fala de Husserl. Apontando o copo de coquetel, que ambos tomavam, Aron lhe diz que um fenomenologista é capaz de falar daquele coquetel e fazer filosofia dele. Nesta ocasião, Sartre vislumbrou o que tanto buscava: **“descrever os objetos como os via e tocava, e, desse processo, extrair filosofia”**. (1:33)

A fenomenologia é, portanto, uma análise do fenômeno enquanto fenômeno. A singularidade de cada fenômeno passa a ser o foco da atenção, deixando-se de lado as generalizações que até então predominavam, na tentativa de compreensão do homem. Abandonam-se valores preconcebidos, ao longo dos anos, para permitir a análise do fenômeno pelo fenômeno. Busca-se a realidade como ela é. Faz-se necessário, então, descrever a experiência tal como ela se processa.

Para Husserl, convém sublinhar, a característica fundamental da consciência é a intencionalidade-postulado da fenomenologia. Entende-se, por isto, que a consciência é ativa e está voltada em direção aos objetos de forma imediata. **“Toda consciência é consciência de alguma coisa”**, como Husserl ensina (cf.6:21). Isto significa que todos os atos psíquicos se direcionam para o objeto.

Como foi aludido, anteriormente, é com existencialistas do porte de Kierkegaard e Buber que Rogers se sente mais próximo. Numa tentativa de maior compreensão desta identidade de pensamento, se faz necessária uma reflexão sobre o pensamento destes dois grandes personagens.

A. SÖREN KIERKEGAARD (1813-1855)

É citado entre os principais pensadores existencialistas. Apesar, da maioria deles serem ateus, Kierkegaard era cristão, de religião protestante.

Para ele, buscar a **"essência"** era um artifício que os homens usam para fugir da realidade. Compreendia, que o pensamento só tem validade quando se leva em conta quem está pensando, e que as generalizações escondem os verdadeiros problemas, que são individuais e únicos. E é Kierkegaard quem diz: **"No me interesa la muerte; es mi muerte que me preocupa"**. O mundo, diz ele, existe para cada um de nós, o mundo não é objetividade. Seu pensamento vai mais além, quando acrescenta que todo sistema isola e esconde, em vez de unir e revelar as existências. Isto porque os sistemas possibilitam saber tudo, mas não possibilitam o conhecimento do problema único, de cada pessoa.

Para Kierkegaard, a existência humana não pode ser explicada por meio de sistemas abstratos. A realidade, diz ele, é concreta, e diante de uma situação real, os sistemas abstratos não resolvem. Até o filósofo busca a solução adequada para um problema cotidiano, fora do sistema ao qual pertence.

Ao explicar o pensamento de Kierkegaard, João da Penha explica:

"Todo conhecimento deve ligar-se inapelavelmente à existência, à subjetividade, nunca ao abstrato, ao racional, pois, se assim proceder, fracassará no intento de penetrar no sentido profundo das coisas, logo, de atingir a verdade"(cf. 6:30).

Portanto, é através de Kierkegaard que a existência pessoal é valorizada, e se torna ponto fundamental, na análise dos pressupostos filosóficos existencialistas. É o indivíduo com suas problemáticas pessoais que interessa e não generalizações que perdem a todos.

B. MARTIN BUBER (1878-1965)

Tem exercido, com suas obras filosóficas, profunda influência nas ciências humanas de modo geral, e na filosofia existencialista, de modo especial.

Na sua obra, intitulada **EU E TU**, está profundamente expressa a sua **"filosofia do diálogo"**, onde o **conceito de relação** é compreendido como aquilo de essencial que acontece entre os homens e entre o homem e Deus. A filosofia do encontro desenvolvida por Buber é entendida com maior clareza, quando se tem dados, também, sobre a sua personalidade. **"Quem pode conhecê-lo pessoalmente transmite uma profunda impressão sobre ele"**, assim se expressa VonZuben, responsável pela **"Introdução"** do livro **EU e TU**, na tradução portuguesa. E acentua:

“Uma presença autêntica emanava de sua pessoa, e a profundidade de seu semblante residia na presença a si mesmo. Exatamente por esta presença a si mesmo é que ele podia tornar-se presente aos outros, acolhendo-os incondicionalmente em sua alteridade” (cf. 2: LVIII).

Para Buber, a nossa realização existencial depende da presença dos outros. E, nele, havia uma profunda abertura e disponibilidade para o outro. É característico, também, do seu pensamento e do seu modo de ser, uma profunda ligação com a vida, com a concretude da existência. Abordar a realidade com abstrações, sem se lançar diretamente nela, é, para o pensamento buberiano, um distanciamento da vida. Buber explicita esta abordagem na citação utilizada por Von Zuben:

“Aí não se conhecerá, permanecendo na praia contemplando as espumas das ondas. Deve-se correr o risco, é necessário atirar-se na água e nadar”

O princípio fenomenológico básico, de que o homem é um ser situado no mundo com o outro, encontra-se com o pensamento buberiano, quando este define que a **relação** é o fundamento da existência humana. Mas Buber vai mais além, quando acrescenta que o homem tem duas abordagens distintas diante do mundo. Aqui, é fundamental a compreensão que Buber dá - à palavra -, que para ele é o fundamento da existência humana. A palavra é o lugar onde o ser se revela. E, as duas abordagens, acima referidas, vão se instaurar na palavra-princípio **EU-TU** e na palavra-princípio **EU-ISSO**. Na primeira, a abordagem é do encontro, e na segunda, a abordagem é da utilização. Na primeira, se estabelece uma **“relação com”**; na segunda o mundo é objeto de relacionamento.

É a **“palavra-princípio”** proferida que vai atualizar, ou fazer acontecer, a atitude do homem diante do mundo, um modo de existir. Portanto, existem duas possibilidades de existir como homem. O homem da relação **EU-TU**. Duas possibilidades do homem que realizam sua existência. Quando ele profere a palavra-princípio **EU-TU**, está sendo determinado o embasamento para o diálogo que, segundo Buber, é o fundamento da existência humana. E, quando o homem profere a palavra-princípio **EU-ISSO**, está determinado o mundo do uso, da experiência. Esta forma de abordagem do mundo é essencial na vida humana, pois é graças a ela que se entra em contato com a aquisição da tecnologia. O que não pode acontecer, sob pena de prejuízo do homem, é a supremacia desta atitude sobre a outra, onde o homem profere a palavra-princípio **EU-TU**. Aqui, a disponibilidade para o Encontro com o outro acontece e se estabelece a primazia do diálogo, que é básico.

“O TU orienta a atualização do EU e este, pela sua aceitação, exerce sua ação na pre-sentificação do outro que, neste evento, é o seu TU”

Vê-se com clareza, então, que é na relação, no diálogo, é na presença a si e ao outro, que o homem se realiza na sua humanidade.

O próprio Buber, nos seus ensinamentos aos outros, preocupava-se mais em estar presente e estabelecer um diálogo, do que simplesmente transmitir uma doutrina. Pois ele acreditava, que ao **encarnar o EU-TU**, o caminho existencial estava aberto e as aprendizagens reais aconteceriam.

2. A Abordagem Centrada na Pessoa: as idéias centrais de Carl Rogers

A abordagem centrada na pessoa tem em Carl Rogers seu idealizador e principal representante. Ele é uma pessoa que se apresenta aberta à experiência, à sua, e à dos outros. Isto significa que ele permanece constantemente em alerta ao que acontece no seu íntimo, e ao que acontece no íntimo das pessoas, através do que elas expressam.

É um psicólogo profundamente interessado pela psicoterapia, e que vê nela um momento especial de encontro entre duas pessoas: cliente e terapeuta. A primeira que luta por ser ela mesma, apesar do medo que isto provoca. E a segunda, que participa desta luta da forma mais profunda e sensível que possa fazê-lo.

No início do desenvolvimento do seu pensamento, Carl Rogers utilizava a terminologia **“Psicoterapia Centrada no Cliente”**. Atualmente, ele não fala apenas em psicoterapia, pois ampliou-se o campo de aplicação dos seus conceitos. Ao referir-se à mudança de terminologia, Carl Rogers esclarece, dizendo:

“Não estou mais falando somente em psicoterapia, mas sobre um ponto de vista, uma filosofia, um modo de ver a vida, um modo de ser, que se aplica a qualquer situação onde o crescimento - de uma pessoa, de um grupo, de uma comunidade - faça parte dos objetivos”(7:X).

A hipótese central dessa abordagem pode ser resumida no seguinte: verifica-se que os indivíduos possuem em si possibilidades para auto-compreensão e

para modificação de suas atitudes, comportamentos e autoconceitos. Havendo um clima de **atitudes psicológicas facilitadoras**, estas possibilidades se atualizarão. Necessário se faz descrever estas atitudes:

- a primeira delas, e a que é considerada mais importante é a **CONGRUÊNCIA**, ou **AUTENTICIDADE** do terapeuta. Dela se entende como a capacidade do terapeuta de ser uma pessoa real diante do cliente. Isto implica em que o terapeuta esteja presente a si. Ou seja, tenha desenvolvido um profundo contacto consigo mesmo, e, de posse de si, possa estar presente para o outro.
- a segunda destas atitudes, é a **ACEITAÇÃO**, que se compreende como capacidade do terapeuta de aceitar o cliente tal como ele se apresenta, sem tentar moldá-lo, sem julgá-lo, sem avaliá-lo.
- a terceira atitude é a **EMPATIA**, ou compreensão empática, entendida como a capacidade do terapeuta de se colocar no lugar do outro e realmente ver o mundo segundo o ponto de vista do outro.

Quando estas três atitudes estão presentes e podem de fato ser percebidas pelo cliente, quando ele sente que está numa relação com uma pessoa real, que o aceita e que compreende a sua perspectiva do mundo, algo de libertador acontece. É, então, acionado no cliente a possibilidade dele mesmo se aceitar, se compreender, e se tornar uma pessoa real. Portanto, ele se torna mais verdadeiro, pois passa a entrar em contato mais profundo com o que acontece no seu fluxo interno, com as suas experiências. É a própria pessoa que passa, a partir daí, a ser uma propiciadora do seu crescimento.

Subjacente a isto tudo está a crença profunda para Carl Rogers na **"tendência à realização"**, uma característica da vida orgânica. É devido a ela que o indivíduo, vivendo, a partir das atitudes acima mencionadas, escolherá livremente a direção da sua vida por caminhos construtivos, pois a **tendência à auto-realização** mostra-se presente no ser humano. E, aliada a essa tendência, está a **"tendência formativa"** que é característica do universo como um todo. Esta se verifica, quando se observa qualquer tipo de evolução no mundo, visto que é a partir de elementos menos organizados que se desenvolvem os sistemas mais organizados e complexos. É um processo gradual. Sabe-se que na origem das galáxias e dos planetas encontra-se um turbilhão de partículas menos organizado. A evolução implica numa ordem crescente de complexidade. E, apesar de se constatar a deterioração, existe no universo, também, uma constante construção e criação. Portanto, o ser humano, inserido neste todo universal, é sujeito às mesmas leis.

Nas palavras de Rogers, é possível sintetizar seu pensamento:

“Assim quando criamos um clima psicológico que permite que as pessoas sejam, (...) não estamos participando de um evento casual. Estamos descobrindo uma tendência que permeia toda a vida orgânica - uma tendência para se tornar toda a complexidade de que o organismo é capaz. Em uma escala ainda maior, creio que estamos sintonizando uma tendência criativa poderosa, que deu origem ao nosso universo, desde o menor floco de neve até a maior galáxia, da modesta ameba até a mais sensível e bem dotada das pessoas. E talvez estejamos atingindo o ponto crítico da nossa capacidade de nos transcendermos, de criar direções novas e mais espirituais na evolução humana. No meu entender, este tipo de formulação é o princípio filosófico fundamental de uma abordagem centrada na pessoa. Ela justifica meu engajamento com um modo de ser que ratifica a vida” (7:50).

Depois destas colocações, que contêm as linhas centrais do pensamento de Carl Rogers, o enfoque se volta, agora, para aspectos específicos do seu pensamento. Estes aspectos serão ressaltados para atender aos objetivos que este trabalho se propõe. E, é em Evans que se encontram as citações de Rogers para os seguintes aspectos:

- sobre a relação terapeuta-cliente:

- “...o terapeuta deve estar presente como pessoa para que o relacionamento terapêutico seja eficaz. É um relacionamento muito mais do tipo **EU - TU** que se desenvolve entre o terapeuta e o cliente imbuído da mesma filosofia de não imposição.

(...)Acho que algumas frases de Buber a explicariam melhor. Quando há, entre duas pessoas, um relacionamento direto, quando você não tem consciência de mais nada além da pessoa, e ela não tem consciência de mais nada além de você, e há uma sensação profunda de comunicação e unidade

entre vocês dois, dá-se o que chamo de relação **EU-TU**. O contrário é uma relação **EU-ISSO**, que ocorre quando vejo o cliente como um objeto complexo, uma máquina cujas funções estejam desreguladas. Todo exame diagnóstico de uma pessoa contrasta frontalmente com o tipo de relacionamento **EU-TU**" (3:57).

- sobre a questão da Transferência:

- "Temos, freqüentemente, indícios de transferência em terapia quando é óbvio que o terapeuta é visto como figura paterna, ou de qualquer outra forma claramente relacionada com o passado do cliente. Mas lidamos com isso do mesmo modo como lidamos com qualquer outro sentimento seu, e quando compreendemos a sua maneira de sentir, os aspectos irracionais tendem a se dissolver.

(...) O que fica é a sua reação real, qualquer que seja ela, à pessoa real, que está sentada ali com ele" (3:61).

Evidencia-se, nas palavras do próprio Carl Rogers, a identificação do seu pensamento com os filósofos Kierkegaard e Buber. Esta convergência se verifica no interesse comum pelo fenômeno da existência concreta do outro. Existência que, segundo ele, se atualiza na medida em que a relação real entre as pessoas acontece.

Convém ressaltar um fato ocorrido no Encontro da Abordagem Centrada na Pessoa, realizado em Pirassununga, Estado de São Paulo, em julho de 1985. Neste Encontro, o psicólogo norte-americano John K. Wood (um dos colaboradores de Carl Rogers e membro do Center for Studies of the Person - La Jolla, Califórnia), numa reunião com psicólogos da referida abordagem, cujo tema de interesse era o da relação entre duas pessoas, referiu-se a três momentos básicos que ocorrem: **o momento do contrato, onde as normas são estipuladas e as diretrizes determinadas; o momento da relação transferencial, onde o outro está relacionado com as representações mentais inconscientes; e o momento do encontro entre duas pessoas reais presentes na relação.** Disse, ainda, que estes momentos podem se suceder periodicamente, pois a relação é um processo que está sempre se fazendo. Finalizou dizendo que na psicanálise o enfoque é no segundo momento, ou seja, na relação transferencial, enquanto que na abordagem centrada na pessoa se busca o terceiro

momento, que é o encontro entre as pessoas reais.

3. Considerações Pessoais

É preciso que os psicoterapeutas compreendam que o embasamento filosófico é imprescindível para a compreensão de enfoques em cada abordagem teórica.

Nas minhas relações profissionais, tanto com colegas quanto com estagiários e alunos, verifico que há desinformação e restrita interpretação de muitos pontos fundamentais da abordagem centrada na pessoa.

Tomo como exemplos o que se entende dos conceitos de **CONGRUÊNCIA, ACEITAÇÃO e EMPATIA**, já explicitados anteriormente neste trabalho. No caso do conceito de **CONGRUÊNCIA**, a distorção é expressa quando, em nome de uma autenticidade, se age de acordo com a vontade do momento.

No caso do conceito de **ACEITAÇÃO**, as restrições interpretativas são reveladas na dificuldade de incluir os limites nas situações terapêuticas, os quais são necessários à estruturação de qualquer situação. E, no caso do conceito de **EMPATIA**, a desinformação se torna contundente quando as interferências terapêuticas se resumem na simples repetição do que é dito pelo cliente.

Além destes exemplos, que transformam a atuação destas pessoas numa representação teatral da abordagem centrada na pessoa, haveria outros a ressaltar. Por adequação ao tema, ocorre-me mencionar a situação em que muitas vezes percebe-se implícito nas atitudes ou nas entrelinhas que, para ser um bom terapeuta da abordagem centrada na pessoa, tem que se rejeitar qualquer informação vinda de outra linha teórica. Sabe-se, no entanto, que isto revela uma visão deficitária porque as descobertas de Freud, e de muitos dos seus seguidores, são básicas no desenvolvimento da psicologia, e que um bom profissional desta ciência não pode desconhecer o corpo teórico da psicanálise. Isto, se restringindo a um dos aspectos do conhecimento humano, pois, como se sabe, quanto maior experiência se adquire nas diversas áreas das expressões humanas, maior versatilidade se terá nas elaborações mentais e, como consequência, nas abordagens que se pretende ter.

Estas atitudes simplistas, inconsistentes e sem maior aprofundamento seriam talvez amenizadas caso os seus protagonistas desenvolvessem a presença autêntica que reside na **presença** a si mesmo, e através desta **presença**, tornar-se **presente** e disponível para os outros. Isto constitui a idéia básica, fundamental no pensamento de Martin Buber, e que respalda as idéias de Carl Rogers.

Visualizo esta busca, como a mola-mestra da abordagem centrada na pessoa e que permitirá a atualização da sua direção para o terceiro momento da re-

lação entre duas pessoas (refiro-me aos três momentos mencionados por John Wood o que já foi relatado anteriormente neste trabalho). A falta da assimilação desta idéia leva a aflitivas e perigosas situações, em que terapeutas desta abordagem se vêem atrapalhados quando atravessam o segundo momento da relação, ou seja, as situações transferenciais.

É imprescindível o desenvolvimento pessoal do terapeuta, entendido como permanente contato consigo mesmo, levado a efeito através de um exercício constante de escuta do seu íntimo. Estudar, refletir, trocar idéias, escrever, embasam qualquer crescimento, mas não se pode omitir que **a aprendizagem em relação a si mesmo é fundamental**. Se isto não for feito e buscado constantemente, é impossível levar a efeito uma terapia que pretenda propiciar o surgimento da pessoa real do cliente, o que só se realiza com a presença, também, da pessoa real do terapeuta.

Em trecho de uma sessão de psicoterapia que tive com uma cliente buscarei delinear uma contribuição para maiores esclarecimentos destas idéias que acabei de expor.

Trata-se de uma mulher que darei o nome de Cláudia (29 anos), e que neste dia fala-me das suas dificuldades com uma filha, a qual chamarei de Tereza. Inicia dizendo que se preocupa com os comportamentos estranhos da filha. E exemplifica, contando que Tereza, criança de 6 anos, fica pedindo constantemente para obter tudo que a atrai. Cláudia, sempre que pode, procura contentá-la e, muitas vezes, despende esforços para isto. Acontece, porém, que ao ver o seu desejo satisfeito, Tereza reage com indiferença, parecendo que nunca quis aquilo. Reage, outras vezes com irritação ou mesmo com lágrimas. As atitudes da criança têm deixado os familiares atônitos, impossibilitados de compreenderem o que se passa com ela.

Considero importante salientar que Cláudia, mulher de expressão suave e de gestos contidos, tendo formação de nível superior, é uma pessoa que tem dificuldades afetivas com a mãe. Nunca se sentiu amada por ela e tem um profundo sentimento de rejeição. Com o nascimento de Tereza, a avó ficou cheia de amores pela neta, e isto gratificava profundamente Cláudia, ao ponto dela promover ocasiões para as duas estarem juntas, além de estimular na filha atitudes que provocassem os dengos da avó. Estes fatos tinham sido colocados em sessões anteriores e foram motivo de reflexões terapêuticas, no sentido de levá-la a compreender que estava recebendo da mãe, através da filha, o amor que nunca tinha experimentado. As reflexões procedidas em terapia foram introjetadas por Cláudia, na medida em que confirmou ficar feliz com aquelas situações. Com estas informações em mente, achei necessário trabalhar o que a filha Tereza representava e significava para Cláudia. Como resposta a estas colocações, Cláudia diz que tem dificuldades com a filha, pois esta é muito distante e arredia. E acrescenta, afirmando que Tereza se parece com ela, no bloqueio em estabelecer contatos físicos. Este bloqueio é ponto de identificação da mãe com a filha, pois

ambas têm dificuldades de serem abraçadas e beijadas. Além disso, Cláudia ressaltava outro ponto de identificação com Tereza, quando fala da timidez da filha. Relata, inclusive, que em festinhas de escola Tereza não participa em nada. Isto provoca um profundo desgaste em Cláudia, que gostaria de vê-la solta e comunicativa. Nesta ocasião, ela é enfática: "Mas eu também era assim..."

A partir destas colocações da cliente, é possível inferir o sentimento de rejeição de Cláudia e a sua identificação com Tereza. No seu confronto com a filha, ela dispara com as suas dificuldades, pois vê em Tereza aspectos que rejeita em si mesma. De posse dessas reflexões, é possível perceber como está sendo difícil para Cláudia se relacionar com a filha, na medida em que ela mobiliza as suas dificuldades. Ao captar os sentimentos da cliente, comuniquei-lhe o que compreendi da sua dificuldade de estar com a filha.

Foi um episódio empático, em que pude compreender o que se passava no fluxo interno da cliente e expressar, para ela, a minha captação dos seus sentimentos, na tentativa de favorecer a sua própria compreensão.

O contato que ela estabelece consigo pode ser percebido, com nitidez e clareza, quando Cláudia começa a falar mais objetivamente da rejeição que sente pela filha. A rejeição se evidencia quando ela conta que nos episódios das festinhas da escola concentrava tanta raiva da filha que ficava transtornada. "Era um dia perdido para mim", deixando, em seguida, transparecer que idêntico proceder do outro filho não lhe despertava os mesmos sentimentos.

Vale ressaltar que, na proporção em que Tereza não consegue fazer o que Cláudia nunca fez, nem consegue ser o que Cláudia nunca foi, ressalta para ela algo de significado especial. Significa que Cláudia revive a sua impotência ao vivenciar a impotência da filha, na medida em que ela repete os passos da mãe. Neste momento, fica evidente a questão da expectativa de Cláudia em relação à filha. Através do contato que pude estabelecer com meu referencial interno, vieram à tona experiências pessoais de expectativas em relação a filhos, comuns a todos os seres humanos. Pude, então, me colocar bem próxima a Cláudia, quando lhe falei do quanto é comum pai e mãe criarem expectativas em torno dos filhos. Cheguei mesmo a usar a seguinte expressão: "A gente, às vezes, espera que um filho seja de tal forma..." Este modo de interferir teve a intenção de me colocar bem perto da cliente, na medida em que eu, terapeuta, me incluía entre estes pais e estas mães. Fui, então, uma pessoa real, ao nível de todas as outras, inclusive ela, cliente. Como consequência, Cláudia reconheceu as suas próprias expectativas, ao relatar a idealização que fazia da filha. O seu desejo era que Tereza fosse uma criança gordinha e que tivesse os cabelos bem lisos. Queria também que ela fosse bem desinibida e encantadora para despertar a admiração de todos. Esclareceu, no entanto, que a filha não correspondia às suas expectativas pois, contrariamente, lhe criava situações vexatórias.

Mais uma vez ali, uma compreensão empática emergiu, quando pude, no-

vamente, captar o que se passava no fluxo interno da cliente. Tereza corporificava aspectos indesejáveis que Cláudia identificava em si mesmo. E, a forma da filha ser e se expressar ameaçava a mãe de tal maneira que Cláudia não conseguia aceitá-la.

Tentei mais uma vez tornar-me uma pessoa real para Cláudia. A minha aproximação se fez na medida em que procurei transmitir-lhe a compreensão que tive sobre o que se passava com ela. Verbalizei o momento mostrando-lhe que identificar as nossas dificuldades em nossos filhos é muitas vezes insurportável e nos leva a ter com eles comportamentos de intolerância. Implica, também, em tentar modificá-los para que eles se tornem a realização dos nossos desejos irrealizados. Nesta ocasião foi possível perceber, em Cláudia, uma descontração facial reveladora de uma sensação de alívio. Sensação que nestas horas se obtém como fruto de um encontro consigo mesmo, advindo do encontro com o outro, na pessoa do terapeuta. Pode-se conseguir maior clareza desta percepção, quando Cláudia finaliza a sessão afirmando que as dificuldades da filha devem estar se originando das dificuldades dela em aceitá-la.

Do relato desta sessão com Cláudia, acredito que tenha sido possível transmitir a minha perspectiva em ser uma pessoa real como psicoterapeuta, e como sinto que esta forma de atuação possibilita o encontro com o cliente. Por esta via, o terapeuta inicia o processo de contatar consigo mesmo e de contatar com o cliente. Este caminhar do terapeuta facilitará o caminhar do cliente que, por sua vez, também entrará em contato consigo mesmo, resultando daí, uma experiência libertadora.

Termino as minhas considerações, enfatizando que a visão clara do enfoque da abordagem psicoterapêutica que se pratica e a compreensão precisa da filosofia que embasa o seu referencial teórico permitirá ao terapeuta uma melhor formação profissional e uma melhor ajuda aos clientes.

III - CONCLUSÃO

Em sequência lógica de tudo quanto foi exposto, conclui-se:

1. Os pressupostos filosóficos da abordagem centrada na pessoa encontram-se identificados na fenomenologia e no existencialismo.
2. A identificação das bases filosóficas permite uma melhor compreensão da perspectiva teórica assumida, que resultará numa melhor atuação profissional.
3. Na abordagem centrada na pessoa insere-se o conceito de encontro com suporte na Filosofia do Diálogo de Martin Buber.

4. Na Filosofia do Encontro de Martin Buber é fundamental a relação entre duas pessoas, que implica na presença autêntica, que contém a presença a si mesmo e a acolhida incondicional da alteridade do outro.
5. Para Martin Buber, existem duas possibilidades do existir humano, encerradas nas palavras-princípio **EU-TU** e **EU-ISSO**.
6. A palavra-princípio **EU-TU** implica em que o existir está na relação com o outro, onde o diálogo e o encontro são básicos.
7. A palavra-princípio **EU-ISSO** implica em que o existir está na escolha do relacionamento com o mundo como objeto de conhecimento.
8. A realização da existência humana só é possível com a supremacia da palavra-princípio **EU-TU** sobre a palavra princípio **EU-ISSO**, embora ambas sejam fundamentais.
9. Carl Rogers profere a palavra-princípio **EU-TU**. Define-se, assim, a sua identidade com o encontro, com o diálogo, com a relação com o outro, numa profunda comunicação.
10. Ao sair em busca da compreensão humana, tem duas direções: O homem do encontro com o outro; e o homem que vê no outro objeto do conhecimento.
11. Carl Rogers optou por relacionar-se profundamente consigo mesmo para, de posse de si mesmo, poder ser instrumento de libertação do outro. Ao se dar na relação com o outro, o terapeuta permite o surgimento da pessoa real que existe em toda pessoa humana, com o conseqüente conhecimento de si própria.
12. Numa relação entre duas pessoas existe a possibilidade de três momentos básicos: o momento do contrário, o momento da relação transferencial e o momento do encontro.
É o referencial teórico de cada abordagem terapêutica que privilegiará um destes momentos.
13. É fundamental numa formação profissional o conhecimento do referencial filosófico que a embasa.

Ficará presente o sentimento de gratificação, caso a semente tenha sido lançada e o espaço tenha sido aberto para novas colocações e reflexões mais aprofundadas sobre o tema.

Na projeção das idéias, resta a expectativa de que psicoterapeutas e estudantes possam contribuir com o referencial das suas experiências práticas, a fim de dar maior respaldo a tudo que, aqui, se pretendeu desenvolver.

Referências Bibliográficas

1. ANGERAMI, Valdemar Augusto. **Psicoterapia existencial: noções básicas**. São Paulo, Traço, 1985.
2. BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo, Cortez & Moraes, 1977.
3. EVANS, Richard. **Carl Rogers: o homem e suas idéias**. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
4. GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. Rio de Janeiro, Delta, 1971. v.6
5. JAPIASSU, Hilton. **A psicologia dos psicólogos**. Rio de Janeiro, Imago, 1979.
6. PENHA, João da. **O que é existencialismo**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
7. ROGERS, Carl. **Um jeito de ser**. São Paulo, E.P.U., 1983.
8. ————. **Tornar-se pessoa**. Lisboa, Moraes Editores, 1970.
9. ————. **Psicoterapia y relaciones humanas**. Madrid, Alfaguara, 1971. t. I e II.
10. ————. **Psicoterapia centrada en el cliente**. Buenos Aires, Paidós, 1972.